



Análise comparativa da aplicação de uma escala de dependência de celular em comunidades rurais

Ricardo Barbosa Bitencourt*, Dinani Gomes Amorim e Ricardo José Rocha Amorim

Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia, Av. R. Edgar Chastinet, s/n, 48900-000, Juazeiro, Bahia, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: ricardo.bitencourt@gmail.com

RESUMO. O uso da internet transcende o âmbito urbano, com investimentos públicos e privados levando a conectividade para pequenas comunidades rurais. Embora o acesso seja geralmente limitado à conexão Wi-Fi doméstica, o celular se tornou o principal meio de acesso para os residentes rurais. Isso tem criado oportunidades para a inclusão digital, especialmente durante a pandemia da Covid-19, quando o uso da internet se tornou essencial para o trabalho, a escola e o lazer. No entanto, junto com esses benefícios, surgem desafios, como o uso compulsivo de dispositivos móveis que podem afetar a saúde física e mental da população. Este estudo analisou o nível de dependência do telefone celular em 22 residentes de duas comunidades rurais no interior baiano, usando uma escala validada por King et al. (2019). Os resultados mostraram uma prevalência de níveis leve e moderado de dependência dos participantes. Isso sugere que a limitação do acesso cotidiano pode ser um elemento de proteção contra o uso excessivo. Além disso, este estudo destaca a necessidade de desenvolver e validar instrumentos de análise específicos para o contexto rural, a fim de compreender melhor o fenômeno da dependência digital nessas comunidades.

Palavras-chave: ecologia algorítmica; cibercultura; dependência digital; internet rural.

Comparative analysis of the application of a mobile phone dependency scale in rural communities

ABSTRACT. The use of the internet transcends the urban sphere, with public and private investments bringing connectivity to small rural communities. Although access is generally limited to domestic Wi-Fi connection, the cell phone has become the main means of access for rural residents. This has created opportunities for digital inclusion, especially during the Covid-19 pandemic, when internet use has become essential for work, school, and leisure. However, along with these benefits, challenges arise, such as compulsive use of mobile devices that can affect the physical and mental health of the population. This study analyzed the level of cell phone dependency in 22 residents of two rural communities in the interior of Bahia, using a scale validated by King et al. (2019). The results showed a prevalence of mild and moderate levels of dependence among participants. This suggests that daily access limitation can be a protective element against excessive use. Additionally, this study highlights the need to develop and validate specific analysis tools for the rural context, in order to better understand the phenomenon of digital dependence in these communities.

Keywords: algorithmic ecology; cyberculture; digital dependence; rural internet.

Received on May 23, 2023.
Accepted on September 19, 2023.

Introdução

Mesmo tardiamente e com limitações técnicas, o acesso em áreas rurais no Brasil já atinge 71% dos domicílios (Cetic, 2021), com a maioria dele sendo feito pelo celular. O avanço rápido da conectividade superou a expansão exclusiva das áreas urbanas e passou a fazer parte da paisagem também nessas regiões, mesmo diante da falta de investimento público no financiamento da expansão do acesso de qualidade e da falta de interesse das grandes empresas em oferecer esses serviços, o que reforça os processos de exclusão digital (Onitsuka, Hidayat, & Huang, 2018; Karar, 2019).

Isso ocorre porque, além das dificuldades econômicas enfrentadas por provedores locais para atender a essas comunidades rurais devido às barreiras naturais e ao período chuvoso, que podem levar à queda de sinal

e à instabilidade, torna-se inviável economicamente levar a internet a regiões sem herança de densidades técnicas, sem apoio governamental (Bertollo, 2021).

Com o acesso, as vivências tecnológicas superam a ideia da mera utilização de recursos eletrônicos e possibilita a fruição de significados (Silva, 2007). Nesse ínterim, é possível acessar realidades fora de contextos físicos onde são consumidas informações compartilhadas por humanos e não humanos, além da construção de experiências personalizadas.

Essa dimensão, possibilitada pelo surgimento do ciberespaço, originado com a conexão global de computadores (Levy, 2010), foi quem apresentou aos usuários um universo de possibilidades e que possibilitou a superação do determinismo do dispositivo e viabilizou a construção de relações alicerçadas no espírito do algoritmo.

Essa proximidade com os dispositivos no dia a dia passou a proporcionar experiências que, até então, só eram possíveis com a interação direta com outros seres vivos ou com a natureza viva. Agora, com uma relação bem mais complexa, o ser humano passou a tratar a tecnologia interativa quase como se fosse um ser vivo (Fogg, 2003).

Dessa forma, novos paradigmas emergiram dessa informatização das relações. Esses permeiam pontos positivos, como a emancipação dos sujeitos e a melhoria dos serviços; e pontos negativos, no que se refere à manutenção dos interesses neoliberais do capitalismo informacional (Karar, 2019; Vicentini & Malizan, 2022). Como ponto negativo, é necessário registrar a crescente dependência do uso da internet ou mesmo dos dispositivos eletrônicos que a ela se conectam.

Esse assunto é tão significativo que a Organização Mundial de Saúde, na última atualização do Cadastro Internacional de Doenças (CID-11), incluiu o vício em jogos eletrônicos (online ou não) na lista de distúrbios de saúde mental sob a nomenclatura 6C51 *Gaming disorder*. Para a instituição, o distúrbio de jogo é definido como um padrão persistente ou recorrente de comportamento de jogo, seja digital ou de vídeo, online ou offline. Esse padrão de comportamento de jogo pode ocorrer de forma contínua ou intermitente e resultar em sofrimento substancial ou prejuízo significativo nas áreas pessoais, familiares, sociais, educacionais, ocupacionais ou em outras áreas importantes da vida (World Health Organization [WHO], 2023).

O vício digital, de maneira ampla, ainda está fora dessa classificação. Entretanto, já é possível associar o uso excessivo a problemas físicos, como a Síndrome do túnel do carpo e a fadiga ocular; e emocionais, como estresse e ansiedade; e à nomofobia, que é a angústia ou o medo desproporcional de ficar sem o celular e sua conexão com o mundo virtual (Morilla et al., 2020).

Dentro desse espectro, o vício em telefone é um subconjunto do transtorno de vício em Internet (TIA) e que foi investigado pela primeira vez pela psicóloga Dra. Kimberly S. Young, que publicou um original sobre critérios de diagnósticos para esse transtorno de saúde mental em 1998. Atualmente, ainda há uma discussão aberta na comunidade científica sobre como definir, qualificar e estudar as várias formas de dependência da internet, e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR) da Associação Americana de Psiquiatria começou a reconhecer a gravidade dessa classe de vícios por meio da inclusão de transtorno de jogos na internet (Dependentes de Internet e Tecnologia Anônimos [ITAA], 2023).

Como pioneira, Young usou o modelo de diagnóstico de Jogo Patológico para avaliar o uso viciante da internet como um distúrbio de controle de impulsos que não envolve uma substância tóxica (Young, 1998). No mesmo ano, há o registro de um primeiro estudo sobre o assunto no Trabalho de Conclusão de Curso de Prado, que abordou um estudo exploratório sobre as características de uso da internet, uso patológico e pesquisa online (Fortim, 2015).

Com uma sociedade cada vez mais conectada por tecnologias interativas, a relação entre as pessoas e os dispositivos faz surgir quadros patológicos associados somatizados no comportamento das pessoas, como a nomofobia, “[...] que se manifesta em indivíduos que quando ficam sem seu telefone celular ou computador, acabam apresentando sintomas e alterações emocionais e comportamentais” (Maziero & Oliveira, 2017, p. 74). Nesses casos, quando há impossibilidade de acesso ao celular ou ao computador, é possível que ocorram manifestações de angústia, ansiedade, nervosismo, tremores, suor, entre outros (King, Nardi, & Cardoso, 2014).

No Brasil, hoje, estima-se que mais de 10% dos usuários de celular podem já estar desenvolvendo um quadro de nomofobia (Oliveira, 2013), resultado da longa exposição ao dispositivo, que pode chegar a uma média diária de 4 horas e 48 minutos. Em países mais industrializados, essa porcentagem pode chegar a 58% entre os homens e 47% entre as mulheres, de acordo com um estudo realizado pela YouGov com 2.163 pessoas (Pimenta, 2019).

Se com a população urbana alguns estudos já se debruçam sobre o fenômeno, em comunidades rurais são poucas as pesquisas que tratam desse tema, apesar de a internet e o telefone celular passarem a estar presentes no cotidiano dos indivíduos (Deponti, Kist, Arend, & Oliveira, 2020). Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo apresentar indícios da presença desse fenômeno em comunidades rurais com acesso limitado à internet, através da análise comparativa da aplicação de uma escala de dependência de telefone celular.

Metodologia

Este estudo é parte da pesquisa Ecologia Algorítmica: análise sobre a influência de tecnologias inteligentes no contexto social rural, que analisa a influência do uso ou da presença de tecnologias inteligentes, mediadas ou não pela internet, no desenvolvimento humano em contextos rurais. Todo o processo de coleta de dados foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia e autorizado através do parecer número 4.998.906 (CAAE: 31935520.7.0000.0057). O trabalho de campo aconteceu entre o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023, envolvendo moradores de duas comunidades rurais localizadas a 400 km da capital da Bahia, Jaguarari.

O município possui uma área territorial de 2.567 km², abrigando uma população de aproximadamente 35.000 habitantes (Jaguarari, 2023), distribuída em 5 distritos e 44 povoados. Para os propósitos deste artigo, as comunidades em questão serão referidas como Comunidade X e Comunidade Y (Figura 1).

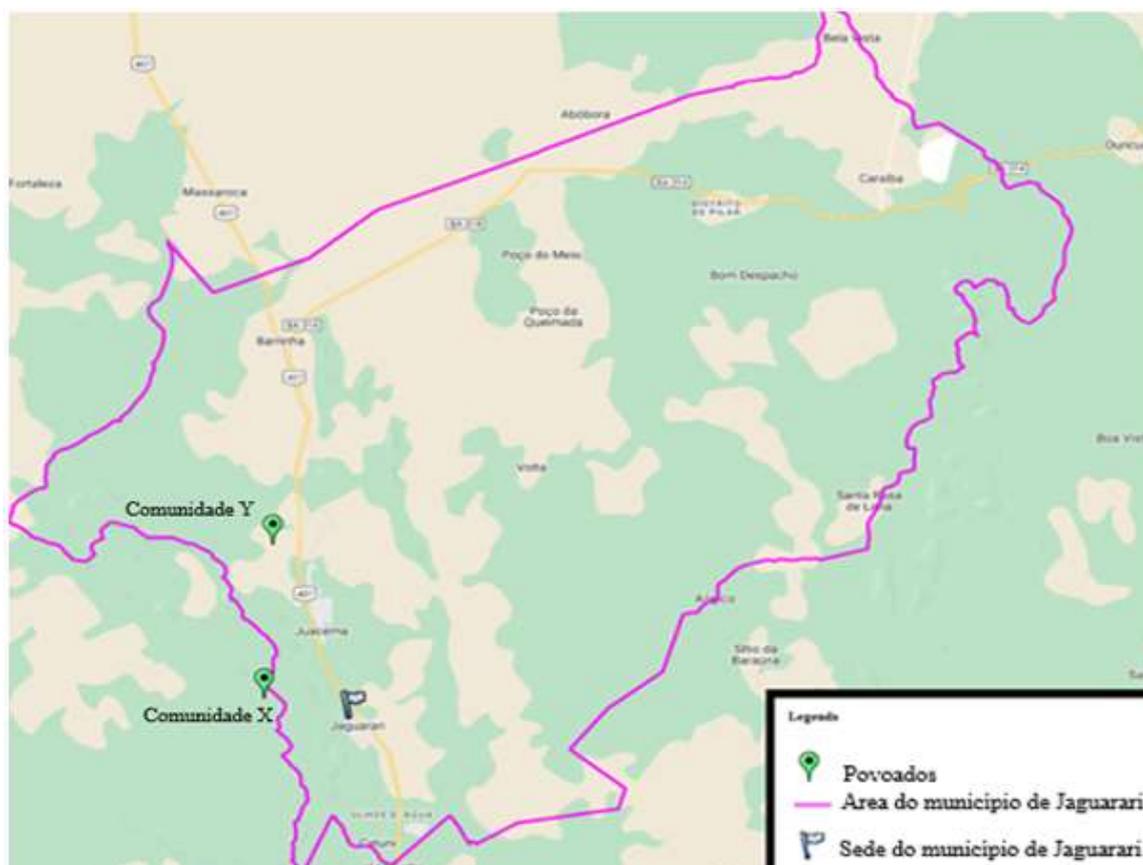


Figura 1. Município de Jaguarari e comunidades de Serra dos Morgados e Varzinha.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores.

A primeira delas, situada a 10 km da cidade, é habitada por cerca de 308 residentes. A acessibilidade a essa localidade é possível através de uma estrada de terra bem conservada, embora a qualidade do serviço de telefonia móvel seja limitada a determinadas áreas. A conexão à internet é predominantemente estabelecida via Wi-Fi nas residências, utilizando-se dispositivos móveis. De acordo com relatos dos moradores, o serviço de acesso à internet foi introduzido na comunidade em 2017.

A base econômica da Comunidade X é constituída pela agricultura familiar e, mais recentemente, pela produção de café. Adicionalmente, a comunidade enfrenta pressões consideráveis de mineradoras e projetos

de parques eólicos que se instalaram na região, principalmente nas áreas montanhosas. Essas pressões motivaram o Ministério Público da Bahia a instaurar uma “[...] ação civil pública contra a Mineração Jaguarari e o Município de Jaguarari, visando à revogação das licenças da mineradora na Serra dos Morgados” (Bahia, 2021). Além disso, diversos documentos produzidos por pesquisadores e Organizações Não Governamentais atestam a gravidade desse processo (Marques & Almeida, 2021; Marques, Antonimo, & Montalvão, 2021).

A Comunidade Y está localizada a 17 km da sede do município, com acesso também por um trecho de estrada de terra. Na Comunidade Y, os celulares não operam em redes 4G ou 3G, limitando-se à conexão à internet via Wi-Fi nas residências. A conexão é realizada via rádio e, de acordo com o provedor, o serviço começou a ser oferecido na comunidade em 2016. A economia na Comunidade Y está menos vinculada à agricultura familiar e à criação de animais, tendo a mineração se tornado a principal atividade dos residentes.

A abordagem dos participantes se deu por meio de entrevistas abertas e a amostra foi selecionada através da técnica *snowball*, que implica na coleta de informações sobre outros membros da população de interesse para a pesquisa a partir das indicações dos primeiros participantes, até que se atinja um ponto de saturação ou redundância no tema (Baldin & Munhoz, 2011; Bockorni & Gomes, 2021).

No total, foram entrevistados 24 moradores. Após cada entrevista, aplicamos o teste de dependência apenas aos participantes que possuíam dispositivos celulares, excluindo, portanto, dois participantes que afirmaram não possuir tal aparelho. Entre os 22 participantes que responderam ao teste, 14 pertenciam à Comunidade X e 8 à Comunidade Y. Quanto à distribuição por gênero, a pesquisa englobou 15 participantes do sexo feminino e 7 do sexo masculino, com idades variando entre 22 e 66 anos.

Para avaliar a dependência do celular, utilizou-se a Escala de Dependência do Telefone Celular, desenvolvida por King e seus colaboradores do Instituto Delete. Esse instituto foi fundado dentro do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB) e conta com a contribuição da psicóloga Anna Lucia Spear King, do psiquiatra Antonio Egídio Nardi e do especialista em mídia digital Eduardo Guedes. Desde 2008, o instituto tem conduzido pesquisas sobre o impacto das tecnologias na saúde, fornecendo orientações sobre o uso consciente das telas e a dependência digital (Instituto Delete, 2023).

A escolha desse instrumento se deve ao fato de que a escala foi recentemente criada e validada no contexto brasileiro, conforme descrito nos estudos de King e colaboradores, em 2019 e 2020. Além disso, é importante destacar que a estratégia subjacente a essa escala visa abordar a relação de dependência em relação a qualquer tipo de dispositivo celular, abrangendo não apenas os smartphones.

O instrumento em questão é composto por duas partes distintas. A primeira parte envolve a coleta de informações demográficas, incluindo dados relacionados a emprego, ocupação, gênero, idade e nível de instrução. A segunda parte consiste em um conjunto de 16 questões formuladas para investigar os hábitos de uso de dispositivos celulares (Tabela 1). Essas questões são elaboradas da seguinte forma:

Tabela 1. Questões que compõem a escala de dependência do telefone celular.

1	Com que frequência você usa o celular no dia a dia?
2	Quantas vezes você pode não sair sem pegar o celular?
3	Quantas vezes você retorna se esquecer de pegar o celular?
4	Com que frequência você acessa a internet no celular?
5	Quantas vezes você se sente ansioso quando percebe que está sem o celular?
6	Com que frequência você se sente triste ou deprimido quando está desconectado da internet ou das redes sociais através do seu celular?
7	Quantas vezes você se sente nervoso por não ter o celular com você para se comunicar?
8	Quantas vezes você tem medo de sair sem o celular e se sentir doente na rua sem os meios para pedir ajuda imediata ou fazer contato com alguém em quem você confia?
9	Com que frequência você mantém o celular por perto?
10	Com que frequência você mantém o celular ligado 24 horas por dia?
11	Com que frequência você dorme com o celular ligado?
12	Com que frequência você acessa o celular mais de 30 vezes por dia para ver mensagens, e-mails etc.?
13	Com que frequência você se mantém conectado ao celular quando está com amigos ou familiares?
14	Quantas vezes você se sente sozinho se não participa de redes sociais ou quando não está em grupos enquanto os outros estão?
15	Com que frequência você mantém na agenda do celular o número de médico, psicólogo ou hospital por medo de se sentir doente na rua?
16	Com que frequência você joga no celular?

Fonte: King et al. (2019).

Os participantes puderam escolher entre três opções de resposta: 0 – Nunca/Raramente, 1 – Frequentemente e 2 – Sempre. A soma desses valores representava um nível de dependência classificado e descrito como segue (Tabela 2):

Tabela 2. Quadro de conferência dos resultados da escala de dependência do telefone celular.

Pontuação	Nível	Descrição
Até 2 pontos	Normal	Você utiliza o celular de maneira natural, não demonstra sinais de abuso e tem controle total sobre o uso diário do aparelho.
3 - 12 pontos	Leve	Você apresenta sinais de possível dependência de celular em um nível leve. Começa a ter problemas ocasionais devido ao uso abusivo do celular em determinadas situações. Pode vir a enfrentar impactos futuros em sua vida pessoal, social, familiar, acadêmica ou profissional devido ao uso excessivo do celular em seu cotidiano. Esteja ciente de que o uso abusivo do celular pode prejudicar sua qualidade de vida.
13 - 22 pontos	Moderado	Você demonstra sinais de possível dependência de celular em um nível moderado. Começa a enfrentar problemas frequentes devido ao uso abusivo do celular em determinadas situações. Deve considerar os impactos atuais em sua vida pessoal, social, familiar, acadêmica ou profissional devido ao uso intensivo do celular no dia a dia. Deve aprender a usar o celular de forma mais consciente para prevenir problemas futuros (físicos e emocionais) relacionados ao uso diário e prolongado do aparelho.
23 - 32 pontos	Grave	O uso do celular está causando problemas significativos em sua vida pessoal, social, familiar, acadêmica ou profissional em um nível grave. Você deve avaliar as consequências dos impactos físicos e emocionais e das perdas que estão ocorrendo no presente. O uso abusivo e persistente do celular em sua vida cotidiana comprometeu significativamente sua qualidade de vida. Recomendamos buscar orientação por meio de ajuda profissional em centros especializados.

Fonte: King et al. (2019).

Ao término de cada sessão, os participantes eram prontamente informados de que o resultado obtido não constitui um diagnóstico definitivo. Recomendava-se enfaticamente que buscassem a orientação de um profissional de saúde qualificado para uma avaliação mais abrangente.

Resultados e discussão

A Comunidade X apresentou apenas resultados nos níveis leve e moderado, enquanto a Comunidade Y obteve em todos os espectros, com maior incidência no leve (Tabela 3).

Tabela 3. resultados da escala de dependência do telefone celular divididos por comunidade.

	Normal	Leve	Moderado	Grave
Comunidade X	0	9	5	0
Comunidade Y	1	5	1	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Comunidade X, a maioria das pessoas apresenta dependência leve de celular, principalmente entre as idades de 22 e 45 anos. Existe uma pequena porcentagem de pessoas com dependência moderada, entre 23 e 41 anos, sem registros de níveis normais ou graves.

Na Comunidade Y, observamos resultados abrangendo todos os níveis de dependência. A maioria das pessoas possui dependência leve, na faixa etária de 30 a 59 anos, similar à Comunidade X. No entanto, há uma presença significativa de dependência moderada, especialmente entre 55 e 66 anos. Visivelmente, diferentemente da Comunidade X, há registros de níveis normais e graves na Comunidade Y. Ambas as comunidades tendem a ter uma predominância de dependência leve de celular.

De acordo com Humood e colaboradores (2021), a nomofobia de moderada a grave constitui 70% da taxa global de prevalência, e a prevalência de nomofobia grave na população adulta geral é de aproximadamente 21%. Estudantes universitários parecem ser mais afetados por essa condição, como indicado na literatura. A pesquisa também destaca o alto risco de dependência do celular entre adolescentes devido à sua familiaridade com a tecnologia e à exposição precoce a dispositivos e à internet (Bernardineli, Silva, Araújo, & Pedroso, 2016).

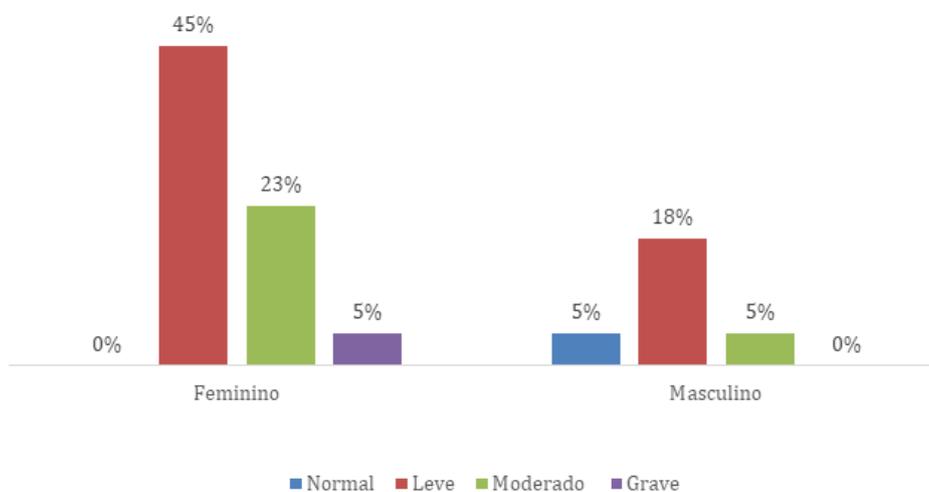
Além disso, na aplicação da escala nas comunidades, os resultados variaram de acordo com o nível de escolaridade dos participantes (Tabela 4). Esperava-se que participantes com maior escolaridade tivessem maiores incidências de dependência, considerando que o celular é frequentemente usado para acesso à internet, incluindo atividades escolares. No entanto, é relevante notar que participantes com menor escolaridade apresentaram resultados opostos, incluindo um estado normal e outro grave, destacando a natureza disruptiva desse fenômeno.

Tabela 4. Nível de dependência do celular por nível de escolaridade.

Escolaridade	Normal	Leve	Moderado	Grave
Não alfabetizado	1			
Lê e escreve				1
Fundamental		3	1	
Médio		8	4	
Pós-graduação		3		
Mestrado			1	

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os resultados por gênero confirmaram uma tendência de concentração entre leve e moderado nas duas comunidades, sem uma prevalência negativa de destaque. Ressalte-se que a literatura, comumente, apresenta que pessoas mais jovens e do sexo feminino possuem maior incidência de uso problemático de celular (Park, Yang, Shin, Jang, & Park, 2019; Olson et al., 2022; Morilla et al., 2020). Os dois resultados únicos que chamaram atenção no levantamento foram um normal, de um participante do sexo masculino; e outro grave, de uma participante do sexo feminino (Figura 2).

**Figura 2.** Gráfico do nível de dependência do celular por gênero.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No caso específico dos resultados 'normal' e 'grave', é importante destacar que o primeiro se refere a um usuário sem formação acadêmica, envolvido em atividades agrícolas, com o celular há pouco mais de seis meses. Em contraste, o participante classificado como 'grave' é uma dona de casa que possui habilidades de leitura e escrita, usando o celular há mais tempo. Notadamente, o acesso à internet nas comunidades ocorre principalmente em ambientes residenciais, através de conexões Wi-Fi, o que torna as pessoas em casa mais propensas ao uso do celular em comparação com aquelas que estão constantemente fora.

A escala também investigou o status de emprego dos participantes, considerando que muitos podem utilizar o celular em atividades autônomas, mesmo sem emprego formal. Alguns profissionais se tornam 'escravos do trabalho', sempre conectados online, como se estivessem de plantão, realizando horas extras com o celular ligado (Avila & Pinho, 2016).

Na Comunidade X, 12 participantes estão empregados, enquanto apenas 2 estão desempregados. Seis deles estão atualmente desempregados, enquanto 8 estão empregados. Além disso, 4 participantes estão fora da força de trabalho, ou seja, estão desempregados e não estão buscando emprego. Não houve mudanças substanciais nos níveis de dependência relacionados a essas variáveis, com a tendência geral permanecendo entre 'leve' e 'moderado'.

Na Comunidade Y, os resultados diferem ligeiramente. Sete participantes estão empregados, enquanto apenas 1 não está trabalhando. Dois deles estão atualmente empregados. A maioria dos participantes, embora desempregada, ainda está envolvida em atividades laborais não remuneradas. Apenas uma participante informou estar desempregada e não trabalhar, mas está ocupada com as tarefas domésticas. Entre as 3 pessoas nessa condição de desemprego, 2 da Comunidade X e 1 da Comunidade Y apresentaram níveis de dependência classificados como 'leve', 'moderado' e 'grave', respectivamente.

Ao analisar as respostas detalhadas dos participantes (Tabela 5), observou-se que a maioria respondeu ‘nunca/raramente’, especialmente quando se trata de voltar para casa em caso de esquecimento do celular, uma vez que sair sem o celular não é um problema geralmente enfrentado pelo público. A necessidade de manter o celular pronto para uso, mantendo-o sempre carregado ou próximo, é evidente. A maioria dos participantes não joga no celular, o que sugere que a interação com humanos ou plataformas é essencial para o uso do aparelho.

Mesmo em situações de ubiquidade limitada, com é o contexto estudado, a sensação predominante é de que o único momento em que o sujeito não está usando o aparelho é quando este está descarregado. Segundo Hermann (2018, p. 18), “[...] o celular é tão útil, entretém tanto, está tão presente e repleto de possibilidades cada vez mais ricas que a vida sem ele se tornou inconcebível. Isso vale inclusive de forma retroativa, pois não conseguimos compreender como um dia pudemos viver sem ele”.

Tabela 5. Resultados da escala de dependência do telefone celular divididos por comunidade.

Pergunta	Comunidade X			Comunidade Y		
	Nunca / Raramente	Frequentemente	Sempre	Nunca / Raramente	Frequentemente	Sempre
Com que frequência você usa o celular no dia a dia?	0	9	5	3	1	4
Quantas vezes você pode não sair sem pegar o celular?	8	1	5	6	1	1
Quantas vezes você retorna se esquecer de pegar o celular?	11		3	6	2	0
Com que frequência você acessa a internet no celular?	1	7	6	1	2	5
Quantas vezes você se sente ansioso quando percebe que está sem o celular?	12	2	0	6	2	0
Com que frequência você se sente triste ou deprimido quando está desconectado da internet ou das redes sociais através do seu celular?	9	4	1	7	1	0
Quantas vezes você se sente nervoso por não ter o celular com você para se comunicar?	9	4	1	5	1	2
Quantas vezes você tem medo de sair sem o celular e se sentir doente na rua sem os meios para pedir ajuda imediata ou fazer contato com alguém em quem você confia?	12	2	0	7	1	0
Com que frequência você mantém o celular por perto?	3	3	8	6	0	2
Com que frequência você mantém o celular ligado 24 horas por dia?	2	1	11	1	1	6
Com que frequência você dorme com o celular ligado?	3	1	10	3	0	5
Com que frequência você acessa o celular mais de 30 vezes por dia para ver mensagens, e-mails etc.?	7	5	2	7	0	1
Com que frequência você se mantém conectado ao celular quando está com amigos ou familiares?	10	4	0	6	2	0
Quantas vezes você se sente sozinho se não participa de redes sociais ou quando não está em grupos enquanto os outros estão?	13	1	0	7	1	0
Com que frequência você mantém na agenda do celular o número de médico, psicólogo ou hospital por medo de se sentir doente na rua?	11	2	1	4	3	1
Com que frequência você joga no celular?	11	2	1	6	0	2

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Considerações finais

No encerramento deste estudo, é relevante abordar a complexa relação entre o uso do celular e a possível dependência ou vício associados a ele. O celular se tornou uma ferramenta essencial em nossas vidas cotidianas, tornando-se desafiador distinguir entre o uso necessário e o abuso. Nesse sentido, é importante reconhecer que diversos fatores podem influenciar essa dependência, como gênero, idade, nível de escolaridade, habilidade de uso e a natureza das atividades profissionais.

A ideia de simplesmente observar o momento de uso, como era comum com os telefones convencionais, torna-se obsoleta no contexto dos dispositivos inteligentes. O celular passa a se integrar ao dia a dia de forma contínua, ocupando espaços que antes ficavam ociosos. Essa presença constante pode, por vezes, favorecer um ciclo de uso excessivo.

Vale notar que a falta de acesso à internet e a ausência de redes 4G ou 3G em determinadas condições de trabalho podem reduzir a exposição ao celular, tornando-o praticamente inútil durante grande parte do dia, até que os indivíduos retornem para áreas com Wi-Fi disponível.

A pesquisa sobre o uso e a dependência de tecnologias digitais em áreas rurais é fundamental para compreender as especificidades dessas comunidades e desenvolver estratégias de intervenção eficazes. Estudos comparativos, como mencionado anteriormente, podem proporcionar insights valiosos sobre as diferenças e semelhanças no comportamento e na relação com a tecnologia entre áreas rurais e urbanas, possibilitando a criação de soluções mais adequadas a cada contexto.

Como perspectivas futuras, recomenda-se validação de uma escala de dependência desenvolvida com base na realidade das comunidades rurais, sempre que possível.

Por fim, é crucial destacar que as tecnologias digitais têm o potencial de transformar vidas e comunidades, oferecendo inúmeras oportunidades e benefícios. No entanto, é igualmente importante abordar, de forma abrangente e integrada, os desafios e riscos associados ao uso excessivo e inadequado dessas tecnologias. Ao promover a inclusão digital, investir na educação e na conscientização, pode-se construir uma sociedade mais justa, resiliente e sustentável. Dessa forma, todos podem desfrutar das vantagens do ciberespaço e contribuir para o progresso coletivo.

Referências

- Avila, D. F., & Pinho, M. F. (2020). Nomofobia relacionada ao cotidiano. *Revista Prociências*, 3(1), 70-84.
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011, November). Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In *Anais do 10º Congresso Nacional de Educação* (p. 329-341). Curitiba, PR: Bahia. Ministério Público. (2021). *MP requer anulação de licenças de mineradora no Município de Jaguarari*. Recuperado de www.mpba.mp.br/noticia/58639
- Bernardineli, A. J., Silva, L. L., Araújo, C. R. M. A., & Pedrosa, R. B. (2021). Fatores de risco associados a sintomas depressivos em adolescentes de um município de pequeno porte. *Research, Society and Development*, 10(4), e49210414315.
- Bertollo, M. (2021). A internet das coisas (IoT) no campo brasileiro: as redes informacionais, as novas dinâmicas da produção agrícola e os provedores regionais. In *Anais do 14º Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia* (p. 1-19). Rio de Janeiro, RJ.
- Bockorni, B. R. S., & Gomes, A. F. (2021). A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, 22(1), 105-117.
- Cetic. (2021). *Pesquisa TIC Domicílios 2021: A4 - Domicílios com acesso à internet*. Recuperado de <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2021/domicilios/A4>
- Dependentes de Internet e Tecnologia Anônimos [ITAA]. (2023). *Sinais de dependência de telefone*. Recuperado de <https://internetaddictsanonymous.org/pt/vicio-na-internet/smartphone-addiction>
- Deponti, C. M., Kist, R. B. B., Arend, S. C., & Oliveira, V. G. (2020). O perfil, o uso e a apropriação de TIC pela agricultura familiar do Vale do Caí-RS, Brasil. *Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar*, 6(1), 42-77.
- Fogg, B. J. (2002). *Persuasive technology: using computers to change what we think and do*. San Francisco, CA: Morgan Kaufmann Publishers.
- Fortim, I. (2015). Dependência de internet – internet addiction. In Comitê Gestor da Internet no Brasil, *TIC domicílios 2014. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros* (p. 51-59). São Paulo, SP: Comitê Gestor da Internet no Brasil.
- Hermann, R. (2018). *Celular, doce lar: se você vive no seu telefone, está na hora de discutir essa relação*. Rio de Janeiro, RJ: Sextante.
- Humood, A., Altooq, N., Altamimi, A., Almoosawi, H., Alzafiri, M., Bragazzi, N. L., ... Jahrami, H. (2021). The prevalence of nomophobia by population and by research tool: a systematic review, meta-analysis, and meta-regression. *Psych*, 3(2), 249-258. DOI: <http://dx.doi.org/10.3390/psych3020019>

- Instituto Delete. (2023). *Quem somos*. Recuperado de <https://institutodelete.com/quem-somos>
- Jaguarari. (2023). *Município*. Recuperado de <https://www.jaguarari.ba.gov.br/pagina/14>
- Karar, H. (2019). Algorithmic capitalism and the digital divide in sub-Saharan Africa. *Journal of Developing Societies*, 35(4), 514-537.
- King, A. L. S., Nardi, A. E., & Cardoso, A. (2014). *Nomofobia-dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do telefone celular?*. São Paulo, SP: Editora Atheneu.
- King, A. L. S., Guedes, E., Guimarães, F. L., Pádua, M. K., Santos, H. K., Rodrigues, D., ... Nardi, A. E. (2019). Validation of the cell phone dependence scale. *MedicalExpress*, 6(1), 1-8. DOI: <https://doi.org/10.5935/MedicalExpress.2019.mo.001>
- King, A. L. S., Nardi, A. E., Guedes, P., & Pádua, M. S. K. L. (2020) *Livro de escalas DELETE: detox digital e uso consciente de tecnologias*. Rio de Janeiro, RJ: Barra Livros.
- Levy, P. (2010). *Cibercultura*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Marques, J. & Almeida, A. W. B. (2021). *Ecocídio das serras do sertão* (Vol. 1). Paulo Afonso, BA: SABEH.
- Marques, J., Antonimo, L., Z., & Montalvão, P. (2021) *Amputação das montanhas do sertão: ecocídio e mineração na Bahia* (Vol. 2). Paulo Afonso, BA: SABEH.
- Maziero, M. B., & Oliveira, L. A. (2017). Nomofobia: uma revisão bibliográfica. *Unoesc & Ciência-ACBS*, 8(1), 73-80.
- Morilla, J. L., Vieira, G. C., Dantas, C. N., Cassago, R. M., Pucci, S. H. M., & Gobbi, D. R. (2020). Nomofobia: uma revisão integrativa sobre o transtorno da modernidade. *Revista de Saúde Coletiva da UEFS*, 10(1), 116-126.
- Oliveira, M. (2013). Vítimas da dependência digital. *Revista IstoÉ*. Recuperado de https://istoe.com.br/326665_VITIMAS+DA+DEPENDENCIA+DIGITAL
- Olson, J. A., Sandra, D. A., Colucci, É. S., Al Bikaii, A., Chmoulevitch, D., Nahas, J., ... & Veissière, S. P. (2022). Smartphone addiction is increasing across the world: A meta-analysis of 24 countries. *Computers in Human Behavior*, 129(1), 107-138.
- Onitsuka, K., Hidayat, A. R. T., & Huang, W. (2018). Challenges for the next level of digital divide in rural Indonesian communities. *The Electronic Journal of Information Systems in Developing Countries*, 84(2), e12021.
- Park, S.-Y., Yang, S., Shin, C.-S., Jang, H., & Park, S.-Y. (2019). Long-term symptoms of mobile phone use on mobile phone addiction and depression among korean adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(19), 3584. DOI: <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph16193584>
- Pimeneta, T. (2019). *Nomofobia: o vício em celular pode prejudicar sua saúde* [Blog]. Recuperado de <https://www.vittude.com/blog/nomofobia/>
- World Health Organization [WHO]. (2023) *International Classification of Diseases 11th Revision: 6C51 Gaming disorder*. Recuperado de <https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http://id.who.int/icd/entity/1448597234>
- Silva, S. R. (2007). 'Eu não vivo sem celular': sociabilidade, consumo, corporalidade e novas práticas nas culturas urbanas. *Interxto*, 2(17), 1-17.
- Vicentini, M. R., & Malizan, L. P. (2023). Da cibercultura ao capitalismo de vigilância: uma investigação acerca das consequências da informatização das relações humanas. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 44(1), e65273. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v44i1.65273>
- Young, K. S. (1998). *Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder*. *CyberPsychology & Behavior*, 1(3), 237-244.